

SARMENTO E A ESFINGE

António Amaro das Neves*

* Presidente
da Direcção da
Sociedade Martins
Sarmiento

Francisco Martins Sarmiento nasceu em 1833, no seio de uma família abastada de Guimarães. Viviam-se então os dias agitados da Guerra Civil, com sucessivas movimentações de milicianos e com o fogo de artilharia a ecoar constantemente dos lados do Porto. Apesar de ter nascido em tempos de cólera, Sarmiento viveria uma infância calma, entre Guimarães e S. Salvador de Briteiros, onde tinha as suas raízes paternas. O seu percurso de vida prosseguiu por caminho análogo ao dos jovens do seu tempo e da sua condição social: aprendeu as primeiras letras em Guimarães e prosseguiu a sua formação no Porto, de onde seguiu para Coimbra, para fazer os estudos preparatórios e ingressar na Universidade. Aos vinte anos, era bacharel em Direito. Não fugiu à sina dos jovens burgueses da época: fez-se poeta e publicou um livro marcado por dores pungentes e por paixões dilaceradas, ao gosto da moda. Não tardou muito a perceber que a sua vocação não era a poesia.

No início da década de 1860, já herdeiro de significativa fortuna, construiu a sua residência, um palacete na então Rua do Poço. Seria aí que, alguns anos mais tarde, montaria o seu *atelier* de fotografia. Avesso a manifestações de ostentação pessoal, nunca mandou colocar na fachada da sua casa o brasão cujo uso lhe fora concedido por carta real, em 1854.

Já nos seus tempos de Coimbra, Sarmiento era notado por passar *dois terços do tempo devorando avidamente quantos livros de literatura podia haver à mão*, como escreveu um contemporâneo, o futuro Conde de Margaride. Alberto Sampaio, quase dez anos mais novo, conheceu-o quando ainda era uma criança, ao acompanhar um tio numa visita a Sarmiento. Nessa ocasião, encontrou-o como sempre o conheceria: rodeado por *montões de livros*. Ainda mal havia dobrado os vinte anos, Sarmiento já tinha construído a imagem que o acompanharia por toda a vida, que Sampaio descreveu: *rico, de distinta posição social e cheio de talento, tornara-se legendário por essa excentricidade, numa terra em que quase ninguém se entretinha com leituras*.

Sem nunca ter tido necessidade de exercer um ofício, mas dotado de uma imensa curiosidade intelectual, associada a uma assinalável capacidade de trabalho, Sarmiento devotava-se aos seus estudos, como quem procurava algo de útil em que consumir o tempo.

Não sabemos ao certo quando nasceu o seu interesse pela arte fotográfica, mas a sua iniciação tem data sabida. Começa assim o primeiro dos cadernos onde iria descrever as suas experiências fotográficas:

Os meus ensaios começaram no dia 8 de Maio, com a chegada do papel albuminado, uma bacia de juta e os ingredientes para os banhos de positivo, menos o acetato de soda que escapou pelas malhas, e que obtive do fotógrafo da terra.

Corria o ano de 1868. Sarmiento, ainda solteiro, dava os primeiros passos na exploração dos segredos da fotografia. O seu propósito seria fazer *retratos artísticos*. É certo que fez alguns, mas não foi por eles que ganhou direito a figurar entre os pioneiros da fotografia em Portugal.

A descrição da fotografia e do seu processo é simples: não é mais do que o meio para obter imagens por acção da luz e de as fixar através de agentes químicos. Porém, a prática era bem mais complexa. A sua descoberta por Martins Sarmiento seria um processo de aprendizagem longo e penoso. Para alcançar o conhecimento dos seus segredos, tinha que *matar a Esfinge*, o monstro da fábula que propunha enigmas e que matava quem os não decifrasse.

Para quem vive na era do digital, fica difícil de imaginar quão complexa era a arte da fotografia no tempo dos precursores, assim como compreender a necessidade de saberes e de recursos que mobilizava, a começar por um corpo labiríntico de conhecimentos nos domínios da óptica e da química, que Sarmento estava longe de dominar quando mergulhou na aventura fotográfica, munido de uma pilha de livros (Monckhoven, Blanchère, Davanne, Kleffel, *et al*), de uma assinatura do *Bulletin de la Société Française de Photographie* e de uma curiosidade insaciável.

Ao longo do seu percurso de descoberta da fotografia, Sarmento ia escrevendo o seu diário, onde registava metodicamente o acumulado de insucessos com que se fez fotógrafo. Os apontamentos manuscritos que deixou em testamento à Sociedade Martins Sarmento, juntamente com meio milhar de *clichés* de vidro, constituem um notável testemunho de um processo de descoberta de conhecimento por via do estudo e da experimentação. Constan de cinco cadernos, com um total de 294 páginas escritas numa caligrafia miúda e de difícil leitura. A primeira anotação data do dia em que Sarmento iniciou os seus ensaios fotográficos, 8 de Maio de 1868, e a última foi vertida no dia 3 de Novembro de 1876, num tempo em que a fotografia já era uma ferramenta de trabalho ao serviço dos estudos e das prospecções arqueológicas do fotógrafo, que entretanto se iniciara na arqueologia, avançando com a exploração sistemática da Citânia de Briteiros.

Cobrindo um período de mais de oito anos, os diários fotográficos de Martins Sarmento mostram que as suas experiências se distribuíram no tempo de modo descontínuo, com uma inconstância que pode ser repartida por ciclos anuais de duração variável.

No primeiro ano, Sarmento trabalhou entre 8 de Maio e 19 de Agosto. Somente retomaria as suas experiências em meadas de Junho do ano seguinte, para as suspender logo em seguida. Nesse ano, apenas trabalhou durante três dias. Prosseguiu os trabalhos passado um ano, no dia 8 de Junho de 1870, tendo estendido as suas experiências até 4 de Agosto (deste ano, há ainda um registo de 30 de Novembro, mas apenas para anotar umas receitas de colódio que acabara de receber). Em 1871, os trabalhos de estúdio e laboratório estenderam-se entre 3 de Setembro e 1 de Dezembro. 1873 foi um ano com dois períodos de trabalho: o primeiro entre 28 de Março e 23 de Abril, o segundo entre 18 de Setembro e 18 de Novembro. O ano mais produtivo foi o de 1874: iniciou as experiências no dia 1 de Fevereiro e prolongou-as até 6 de Junho (ainda retomaria os trabalhos em Agosto, por três dias, e em Dezembro, durante quatro dias). Em 1875, os dias da fotografia foram de 10 de Março a 13 de Junho. Em Julho desse ano, Sarmento dava início à escavação da Citânia de Briteiros, onde a fotografia iria desempenhar um papel central. Em Fevereiro de 1876, quando estava prestes a completar 43 anos, casou com Maria de Aguiar. Apenas voltaria a produzir um registo no dia 5 de Setembro daquele ano, quando anunciou:

Não estou muito resolvido a continuar este diário; mas farei as observações que me parecerem importantes. O banho do Relvas deu bem na Citânia.

Era já a Citânia que lhe preenchia o espírito. As suas últimas anotações referem-se a fotografias de peças que recolhia naquela estação arqueológica.

Neste ponto, percebemos claramente que a fotografia foi uma etapa no caminho através do qual Sarmento se fez arqueólogo. O último registo nos cadernos de fotografia está datado do início de Novembro de 1876. Um mês depois, o Instituto de Coimbra, a Sociedade de Geografia de Lisboa e a Real Associação dos Arquitectos e Arqueólogos Portugueses recebiam um álbum com 47 fotografias de materiais ar-

queológicos, distribuídas por 19 folhas, acompanhadas por uma nota descritiva escrita pelo punho de Sarmento. A importância deste álbum, a que se seguiu um outro, com 42 fotografias, enviado em Fevereiro de 1878, foi assinalada por Francisco Sando Lemos, no folheto que acompanhou a edição do fac-símile de ambos os álbuns:

Nas sessões destas academias, os eruditos folheiam as páginas dos álbuns e deparam com os sinais de um novo universo científico, um olhar sobre o passado: imponentes panos de muralhas, ruínas de casas circulares e rectangulares erguidas em excelente aparelho granítico, pedras lavradas com misteriosas decorações, objectos de bronze e ferro, fragmentos de olaria.

As fotografias da Sarmento atraíram para Briteiros a atenção dos eruditos de Portugal e da Europa. E o fotógrafo, que começara a escavar a Citânia com o interesse do antiquário que procurava desvendar os mistérios de um velho povoado carregado de lendas que habitavam o imaginário das gentes da terra, encontra na atenção que os seus trabalhos despertavam o estímulo para aprofundar os seus estudos acerca de um passado que todos desconheciam. Quando entrava no último terço da sua vida, Sarmento encontrava-se finalmente com o seu destino. Nascia o arqueólogo das citânias e dos castros.

Há, a certo passo do diário das experiências fotográficas de Francisco Martins Sarmento, uma linha que nos serve para caracterizar os seus ensaios de decifração dos mistérios da arte fotográfica. Data de 1 de Fevereiro de 1874:

A fotografia é para mim a alquimia. Vou continuar a procurar o homúnculo.

Os progressos de Sarmento na compreensão do processo fotográfico não foram lineares. Fizeram-se de avanços e de recuos, de sucessos e insucessos. Aliás, se atendermos ao que escreveu acerca destas experiências, eram mais os fracassos do que os progressos. Parecia que um encadeado de maldições se ia atravessando no caminho de Sarmento: maldito amoníaco, maldito colódio, maldito calor, maldito nitrato de potassa, maldito pesa-sais, maldita luz...

Apesar dos percalços, Sarmento teimava em não se deixar cair no desalento (*desanimar é vergonha*, escreveu um dia). Porém, os seus avanços eram escassos e lentos. Em 7 de Junho de 1868, desabafava no seu caderno: *não tenho largado mão da fotografia, mas os progressos que tenho a registar são unicamente o conhecimento dos insucessos*. Alguns dias depois, anotava: *hoje foi um dia infeliz. Nenhum cliché aproveitável*.

Um dia, ainda nos primeiros tempos das suas experiências, um médico alertou Sarmento para a perigosidade do cianeto, *que envenena o sistema nervoso*, e que ele manipulava sem grandes cuidados. Sarmento regista: *eu creio que os vapores do meu atelier me têm um pouco atacado o cérebro*. No entanto, isso não o incomodava grandemente: *o pior, ainda assim, é não vencer as dificuldades*, escreveria na mesma nota. O seu fascínio pela fotografia era uma espécie de obstinação.

Além dos livros, Sarmento consultou alguns especialistas, que o visitaram em sua casa. O primeiro foi o fotógrafo portuense Miguel Novais, que chegou em meados de Agosto de 1868. Sarmento levou-o ao seu *atelier*, onde Novais tirou uma prova *vigorosa*. A seguir, seria a sua vez. O resultado que obteve levou-o a exclamar no seu caderno: *tirei eu uma prova tão boa como a dele!* Estava-se no dia 17 de Agosto de 1868. As suas dificuldades anteriores resultariam, concluiu, de deficiências na focagem. No dia 18, já sem a presença de Novais, Sarmento iria retomar as suas experiências, tirando alguns *clichés* em que repetiu os procedimentos que ensaiara na véspera. No entanto, saíram *todos maus!* *Ir-se-ia o feitiço com o feiticeiro?*, perguntou.

No dia seguinte, voltou a fotografar, agora com resultados diferentes. Os clichés saíram *quase todos bons*. E Sarmento concluiria o registo desse dia com um brado vitorioso, com que encerrou o seu último apontamento referente ao ano de 1868: *conheço-te fotografia!*

Quase um ano depois, voltaria aos seus cadernos, onde numa nota de 21 de Junho de 1869, torna a dar conta dos seus desastres:

É, decididamente, o diabo que se me meteu na máquina! Não posso lembrar-me, sem uma estúpida surpresa, do modo por que me saiu bom, melhor que o dele, o cliché que tirei diante do Novais, e como em seguida nunca mais pude tirar outro igual!

Esta é a crónica das experiências fotográficas de Francisco Martins Sarmento: os sucessos eram fugazes, os fracassos tinham uma constância que o atormentava. *A fotografia é sempre o meu Cabrion*, lamentaria em 18 de Setembro de 1872, numa referência a uma personagem do romance *Mistérios de Paris*, de Eugène Sue. Cabrion era o nome do pintor que infernizava a vida a Mr. Pipelet, envenenando-lhe os dias e as noites, atormentando-o até nos sonhos.

Além de Novais, Sarmento recebeu as visitas de D. Joaquim Forcada, fotógrafo espanhol por quem não nutria grande simpatia (*trabalha, há 15 anos, os seus clichés são maus, o homem é curto de vista e gaba-se de fazer maravilhas*), de José Ferreira Guimarães, natural de Guimarães e radicado no Brasil, onde granjeou fama e fortuna como retratista e alcançou o direito a usar o título de fotógrafo da casa imperial brasileira, do multifacetado Carlos Relvas, *fotógrafo amador*, e do seu operador Augusto Fonseca.

Diversas vezes, Sarmento pressentiu que os seus progressos o faziam abeirar do sucesso. Muitas vezes escreveu, como Arquimedes, num misto de exclamação e de interrogação, *eureka!*, ou proclamou, como Júlio César, *teneo te, África (tenho-te nos meus braços, África)*. E a resposta não tardava: *pas encore*. Ainda não conquistara a sua África. Os seus *inimigos encobertos* moviam-se para o impedirem de resolver os mistérios da fotografia. Todavia, Sarmento tinha uma receita para combater o insucesso, a persistência. O seu programa resumia-o com duas palavras: *trabalhar e estudar*.

Sabemos hoje que, no fim de contas, Sarmento matou o objecto do seu fascínio, a *esfinge*. Acumulando fracassos, mas dando conta de uma notável capacidade para contornar a adversidade, fez-se fotógrafo competente. Mas o nome de Martins Sarmento não ficaria na história da fotografia indígena pelos seus *retratos artísticos*. Numa altura em que já dominava os segredos da fotografia, Sarmento encontrou finalmente a sua verdadeira vocação. Tornou-se arqueólogo, empregando a fotografia como ferramenta das suas prospecções arqueológicas. Em meados da década de 1870, deixou de escrever o diário das suas experiências fotográficas. A fotografia era um enigma que ele já havia decifrado. Com ela abriu caminho para enfrentar outras *esfinges*, igualmente enigmáticas e desafiadoras.

Se Sarmento não foi um pioneiro da fotografia, foi precursor na sua utilização enquanto meio de registo, de estudo e de divulgação ao serviço dos trabalhos arqueológicos. Com Sarmento, as imagens fotográficas foram um instrumento valioso para o conhecimento do nosso passado mais remoto. Não fosse a descoberta da fotografia por Francisco Martins Sarmento e provavelmente a arqueologia em Portugal seria hoje algo diferente daquilo que é.

Esta é uma história com quase cento e cinquenta anos, mas que poderia ilustrar o discurso contemporâneo sobre o poder da imagem.